

**QUE PODE O BLOG?
DESMONTANDO OS FETICHES COM UMA LEITURA POLÍTICA**

Márcia Virgínia Mignac da Silva¹

Resumo: Este artigo propõe uma leitura política das novas tecnologias e seus impactos sobre o corpo e a sociedade, no intuito de contribuir para o desmonte do tecnofetichismo em torno das práticas sóciomidiáticas. As leituras que se popularizam sobre os impactos do blog disseminam fetiches que borram uma necessária problematização sobre o tipo de visibilidade e de sociabilidade que, de fato, vêm se construindo. Para tanto, trabalha com dois coletivos de dança que utilizaram essa ferramenta como estratégia de visibilidade de suas ações. Parte da hipótese de que o blog é um dispositivo replicador do mundo neoliberal, analisando os sintomas encontrados nessa mídia como sinalizadores de fenômenos sociais contemporâneos. Conclui propondo uma reflexão sobre o uso do blog e indica ação profanadora..

Palavras-chave: blog, coletivos de dança, poder, dispositivo, corpomídia.

¹ Professora Assistente da Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Dança. Mestre em Dança pelo PPG-Dança/UFBA. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: m.mignac@uol.com.br



Introdução

A crescente utilização das novas tecnologias por parte dos coletivos de dança coloca em questão algumas premissas fundamentais da “função de uso”. No plano utilitário, as mídias digitais – *blogs*² e *fotoblog* funcionariam como ferramentas de manejo de processos artísticos, assim como um espaço de interação social na web. Caracterizados, assim, como dispositivos de visibilidade, se prestariam como uma estratégia de resistência frente ao silenciamento imposto pela retração do jornalismo cultural e por regras hegemônicas de mercado.

Um bom exemplo é o blog do Coletivo Núcleo Criativo do Dirceu³, que confere “dimensão pública” para suas proposições de dança nas mais diversas formas: fotografias, vídeos, textos, manifestos, etc. Com postagens quase que diárias, compartilham não apenas questões do fazer artístico – percursos, ações e idéias, como também questões burocráticas e administrativas. Pois se interessam não apenas em romper com os formatos normativos de produção e circulação artística, mas também por propor novas relações táticas de desvio dos discursos políticos hegemônicos.

Todavia, o que à primeira vista parece ser um tipo de “solucionamento” das demandas do campo da dança – continuidade da produção, circulação e recepção -, em outro momento parece sinalizar justamente o inverso do que habitualmente se espera. Os blogs funcionariam como ferramentas de “agregamento” e localização, e não como um dispositivo de distribuição horizontal e inteiramente democrática de informação de amplo alcance.

Pois basta um pouco mais de atenção às dinâmicas comunicacionais apresentadas nos blogs para se encontrar “impasses” que vão em outra direção:

² Segundo Ferreira (2006), blog é uma página da web cujas atualizações, chamadas de posts, são organizadas cronologicamente como um diário, escritos e acessados em diferentes lugares do mundo, pela internet. Neste artigo, o termo blog será empregado conforme Primo e Smanitto (2006) entendido não apenas como uma página ou texto na web, mas também como um espaço onde blogueiros e leitores se encontram.

³ O coletivo Núcleo Criativo do Dirceu possui 3 anos de existência, surgiu na cidade de Teresina –Piauí com o propósito de desenvolver ações artísticas contemporâneas junto a comunidade do Dirceu situado na periferia da cidade. Blog do Coletivo: <http://www.nucleododirceu.com/>



VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

opacidade de informações, pouco investimento no compartilhamento e vozes que só encontram ecos com seus pares. O que, de partida, já rasura a idéia de **visibilidade** e **interatividade** agregada a seu uso.

Todavia, Braga (2009), ao se referir às funcionalidades interativas do blog, afirma que seu uso social promove a constituição de um circuito interativo entre os participantes. Ele escreve:

A maioria dos blogs disponibiliza um espaço de interação, de debate, de “arena pública”, em que visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes. Os blogs geralmente oferecem uma lista de indicação com links internos e externos que apontam para conteúdos de arquivo, outros blogs recomendados e conteúdos que guardam afinidade com o tema de interesse do grupo. Geralmente, é possível encontrar comentários de outros/as blogueiros/as (acompanhados do endereço eletrônico) da lista dos indicados no Livro de Visitas de cada blog, formando uma rede de interação em que uns referem-se aos outros e tem-se a sensação de constituírem uma mesma comunidade [...] (2009:78-79).

Ocorre que, ao mesmo tempo em que se tem em mãos uma ferramenta que permite a socialização on-line de informações, potencializando o fluxo em rede, por outro lado parece que não é assim tão claro o entendimento de se viver em um ambiente de fluxo de informação, no qual “se sabe que todo conhecimento está distribuído e que tudo é conhecido por alguém, em algum lugar, e que essa informação está acessível” (KERCKHOVE, 2009: 80). Trata-se de uma situação talvez paradoxal, na qual se confundem as linhas de disponibilidade e de invisibilidade, de sociabilidade e de localização.

Impressões que demandam a urgência em desenvolver discursos menos euforicamente celebratórios e mais politizados sobre o mundo produzido pelas mídias digitais, descontaminados do fetichismo em torno de suas práticas sóciomidiáticas. Certos entendimentos que, pouco a pouco, se tornam cada vez mais populares a respeito dos impactos do blog, os apontam como dispositivos replicadores da sociabilidade que vem sendo construída face à expansão do mundo neoliberal. Há traço, nessa mídia, que sinalizam certos fenômenos sociais contemporâneos. Pois,

o médium hoje não se define como um mero dispositivo técnico (embora esse suporte lhe seja necessário), nem como uma forma fechada em torno de uma gramática (tevé, cinema, jornal, etc.), e sim como o *conceito* de desdobramento



VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

tecnológico da Cidade Humana, **uma espécie de prótese ontológica para o controle das relações sociais e das novas subjetividades por tecnologias informacionais.** (SODRÉ, 2006:98) (grifo nosso)

Neste sentido, Laymert Garcia Santos, autor de *Politizar as Novas Tecnologias* (2003) considera a tecnologia como um objeto de crítica por excelência. Tributário de Walter Benjamin⁴, problematiza a tecnologia em suas relações com o ambiente, com a sociedade, com a arte e com o futuro do humano. Amplia o debate iniciado por Benjamin, com o interesse em apontar os processos de modelação exercidos pelas máquinas na experiência humana. Diz ele:

[...] a potência das máquinas se exerce em todas as dimensões da vida de um modo mais extenso e intenso do que podíamos imaginar – seus efeitos colaterais, seus riscos, seus acidentes, estão em toda parte. Sentimos que nossa experiência é crescentemente mediada por elas e que o ritmo de nossa existência é cada vez mais modelada pela aceleração tecnológica. [...] Ninguém fica de fora, nem mesmo quem é excluído do processo por não querer ou poder participar. E, no entanto, em nossas relações com a tecnologia parece ainda prevalecer uma grande ingenuidade: como se ainda fosse possível considerá-la apenas quando ela nos “serve”!(2003: 10).

Não se trata aqui de defender uma posição acusatória, que se apóia no entendimento da tecnologia como uma vilã responsável por causar danos à sociedade. Longe de um julgamento de valor, utilizar-se-á de uma leitura política para restabelecer a complexidade deste campo sem achatar as relações nele e por ele produzidas com a lógica de causa-efeito. Pois, de acordo com Santana,

qualquer informação colocada no mundo, como signo que é, carrega um potencial. Sua manifestação no mundo será condicionada a uma rede complexa que envolve sua própria condição, a forma como será utilizada, o ambiente ao qual pertence e a própria singularidade de todos elementos quando em relação. (2006: 21).

4 Walter Benjamin (1892- 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Georg Lukács e Bertolt Brecht. Destacou-se por iniciar o debate do impacto da tecnologia na experiência de ver moderna. Deflagrando a transformação da percepção do mundo e da realidade, a partir do cinema e da fotografia.



O corpo e o blog: duas mídias co-implicadas

Tecnologia, corpo e ambiente aqui são entendidos como instâncias indissociáveis, o que impede que o blog seja tratado abstratamente, pensado apenas na perspectiva de um fenômeno da cultura pós-massiva como existindo em si mesmo, em uma mônada leibniziana⁵. A proposta é a de demonstrar que o ambiente midiático não pode ser pensado fora do contexto sócio-cultural que o produz e dos corpos que nele co-habitam. Afinal, de acordo com Katz (2002), o corpo tornou-se o primeiro domínio desta contaminação e um ótimo sítio para observação dos seus novos fenômenos.

Assim, evocar a Teoria Corpomídia⁶ para o campo de estudos que se interessa pelas práticas sóciomidiáticas geradas pelas novas tecnologias, favorece desmontar o entendimento do corpo como um recipiente que tem extensões a ele acopladas repropoando o entendimento de corpo a partir da sua existência processual na forma de uma mídia⁷ de si mesmo, como um sistema vivo em trânsito contínuo de trocas de informações com o ambiente, como um corpo que nunca é porque está sempre sendo um momento recortado de um fluxo. Katz e Greiner (2005:130) indicam que:

Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo – processo condicionado pelo entendimento de que corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas

⁵ O conceito de mônada foi introduzido pelo filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646 - 1716). Para isso, inspirou-se, por analogia, na teoria atomista de Demócrito e também nas idéias de Giordano Bruno. Segundo ele, as mônadas equivalem para a realidade metafísica, o que os átomos equivalem para os fenômenos físicos. Sendo consideradas formas substanciais do ser com as seguintes propriedades: elas são eternas, indecompostas, individuais, sujeita as suas próprias leis, sem interação mútua, e cada uma refletindo o próprio universo dentro de uma harmonia pré-estabelecida. No texto, recorrer a Leibniz, presta-se para conferir ao blog a idéia de um fenômeno concebido abstratamente, individualizado e, portanto, que se basta em si mesmo. <http://www.arazao.net/raza01108/pagina005.pdf>; http://pt.wikipedia.org/wiki/Gottfried_Leibniz Acesso em: 21/11/2009

⁶ Batizada como corpomídia por Helena Katz e Christine Greiner (2005), esta abordagem teórica é tributária da semiótica peirceana nos usos do conceito de fluxo permanente (semiose), e das teorias evolucionistas neodarwinianas (entre as quais se destacam o meme de Richard Dawkins e a concepção de mente de Daniel Dennet) e a abordagem filológica do papel das metáforas na construção da cognição proposta por George Lakoff e Mark Johnson (KATZ, *apud* MACHADO, 2007, p.34).

⁷ A idéia de mídia aqui proposta refere-se ao modo do corpo existir. O corpo como mídia de si mesmo, sempre na condição de “sendo”, por onde as informações se tornam corpo e não atravessam o corpo. De acordo com Katz, não se trata do conceito de mídia como veículo por onde algo passa para ser exteriorizado – como, por exemplo, a TV, um aparelho por onde entra um sinal que carrega uma informação, que é lá processada e emitida, deixando o aparelho tal qual estava antes dessa operação. Pois, o corpo não é um veículo processador de informações. O corpo comunica a si mesmo e não algo que o atravessa sem modificá-lo (KATZ, 2004).



VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive em estado do sempre-presente, o que impede a noção de recipiente.

E prosseguem: “[...] A mídia à qual o Corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão se constituindo corpo. A informação se transmite em processo de contaminação” (p. 131).

A noção de contaminação ajuda a desestabilizar entendimentos de transmissão que se apóiam no modelo emissor-receptor. Nele, o corpo é apresentado como um agente passivo, influenciado/modelado por quem emitiu a informação. Quando se substitui a noção de influência pela de contaminação, a idéia de causalidade ganha outros contornos. A proposta, aqui, é pensar que “todo corpo é corpomídia de si mesmo, isto é, um corpomídia do estado momentâneo da coleção de informações que o constitui” (KATZ, 2006:1).

É no corpo que se encontram os subsídios para se pensar os mecanismos de produção, armazenamento e transmissão da informação como processos contaminatórios que se estabelecem por meio de redes de conexão com o ambiente, e não por relações de causa-efeito. Pois, de acordo com Greiner e Katz:

o próprio corpo resulta de contínuas negociações de informações com o ambiente e carrega esse seu modo de existir para outras instâncias de seu funcionamento. Ou seja, a ação criativa de um corpo no mundo reproduz os procedimentos que o engendraram como uma porta de vaivém, responsável por promover e romper contatos. [...] Os processos de troca de informação entre corpo e ambiente atuam, por exemplo, na aquisição de vocabulário e no estabelecimento de redes de conexão. (2001: 72-73)

A partir desses entendimentos, pode-se apresentar o corpo e o blog como duas mídias co-implicadas, e observar como a informação se comporta nas duas mídias. A questão que aparece como central nessa proposição é a de propor abordar-se a relação do corpo com a tecnologia a partir de processos de contaminação mútuos, ou seja, “os meios bio e tecno são mutuamente transformadores e transformados” (SANTANA, 2007: 149)



Repondo o blog como um dispositivo do mundo neoliberal

A mutualidade aqui apontada ajuda a ampliar o entendimento de corpo como um “operador” das dinâmicas comunicacionais das novas tecnologias e, não apenas como um partícipe afetado por elas. Onde o modo de atuar tem que ser sublinhado por processos de contaminação. Pereira sustenta posição semelhante:

[...] trata-se de pensar como o corpo, pensado em suas características materiais, se apresenta como uma variável determinante na produção das tecnologias contemporâneas, forjadas a partir das materialidades e funcionalidades corpóreas que tais tecnologias estendem, potencializam, amputam, alteram [...]. (PEREIRA, 2006: 95)

Nesta direção, este artigo trabalha com a hipótese de que o blog funciona como um replicador do comportamento humano, uma vez que as dinâmicas comunicacionais tecidas nesse meio estão contaminadas pelas materialidades e processos de subjetivação do corpo. Um bom sinalizador dessa hipótese é a permeabilidade presente entre o meio digital e a vida real, onde traços do comportamento humano e comportamento “blogueiro” estão “borrados”, ou seja, co-implicados.

É interessante perceber que a noção de blog como um dispositivo que “replica” hábitos sociais, já implica o sistema capitalista global vigente. Afinal, “as ações e as subjectividades são tanto produtos como produtores dos processos sociais” (SANTOS, 2009:33). Nessa perspectiva, o capitalismo e as novas tecnologias constituem instâncias que operam na mesma direção. O que, de partida, sugere pensar no modo como alguns desses “impasses”, apontados no início do texto, se configuram como processos tradutórios da sociedade. Em outras palavras, sintomas sociais que resultam do corpo a corpo dos indivíduos com os dispositivos. Afinal, o que significa visibilidade hoje?

Não é á toa que Giorgio Agamben (2009), ao definir a fase atual do desenvolvimento capitalista, propõe apresentá-la como “uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos”. Justamente por entender que os dispositivos, entre eles, os chamados hodiernos⁸, se constituem operadores do mecanismo político contemporâneo. Ele diz:

⁸ O termo hodierno se refere ao que relativo ao dia de hoje/ do nosso tempo/de agora mesmo (Fonte: Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis). E, se tratando de dispositivos hodiernos,



Não é seria provavelmente errado definir a fase extrema do desenvolvimento capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos. Certamente desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo. (2009:42)

Torna-se explícita a necessidade de entender de forma mais clara o que seja um dispositivo para identificar os seus modos de atuação e alcance nos processos de subjetivação do indivíduo. Para tanto, vale recorrer à re-leitura feita por Agamben (2009) do termo dispositivo, tão amplamente usado nos estudos de Michel Foucault⁹. Assim, de acordo com o pensamento agambeniano, dispositivo passa a ser

qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos do seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc.; cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos. (2009: 40-41)

Redesenho, que, de partida, reafirma o deslocamento do poder das categorias universais¹⁰, compartilhado por Foucault (2006) e, sinaliza uma estratégia de ação distributiva, que se revela a partir da leitura estendida do termo dispositivo - o que, para Santos (2009), equivaleria a dizer da ausência de uma regulação social monolítica e do seu exercício a partir de um compósito. Pois, “o poder nunca é exercido numa forma pura e exclusiva, mas sim como uma formação de poderes, isto é, como uma constelação de diferentes formas de poder combinadas de maneiras específicas” (SANTOS, 2009: 265).

Agamben (2009) os definem como: a internet, os telefones celulares, a televisão, as câmeras de monitoramento urbano, etc.

⁹ Michel Foucault (1926- 1984) foi filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France de 1970 a 1984. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um *pós-moderno*.

¹⁰ Estas Categorias Universais se referem ao Estado, a Soberania, a Lei e o Poder.



VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

Entretanto, o interesse que aqui está posto não se dá apenas no entendimento da tecnologia e seus usos como uma forma de poder combinada e, sim no que isso acarreta ao corpo. A partir daí, é preciso perguntar o que resulta dessas contaminações? Em que medida o corpo responde ao acúmulo e proliferações de dispositivos?

De acordo com Agamben (2009), um mesmo indivíduo pode ser o lugar de múltiplos processos de subjetivação. Todavia, chama a atenção para o fato de que, na atual fase do capitalismo, a ação dos dispositivos não intervém mais na “produção” de um sujeito, mas sim, age em sentido inverso: por meio de “processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real” (2009: 48).

[...] o que acontece agora é que processos de subjetivação e dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral. Na não - verdade do sujeito não há mais de modo algum a sua verdade. (AGAMBEN, 2009: 47).

É a partir da compreensão espectral do sujeito, que se encontra a chave para o entendimento do mecanismo político da atualidade. Pois, uma vez que não se completa o ciclo de subjetivação e se produz sujeitos reais que nunca se configuram, o corpo se vê capturado “por um mecanismo *oikonomico* de autoreprodução”¹¹ que o faz girar no vazio.

As sociedades contemporâneas se apresentam como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real. (AGAMBEN, 2009:48)

Eis o argumento, que ajuda a explicar o **que** está posto, hoje, nas práticas de comunicação mediada e, que favorece pensar nos modos de lidar com impasses apresentados no texto. Ora, se o que resulta do embate corpo a corpo com os dispositivos são corpos inertes e atravessados por processos de dessubjetivação, o que se esperar do meio virtual, se não a replicação dessa ocorrência? Corpos-sujeitos, Corpos-blogs, Corpos-idéias, Corpos que dançam: contaminações que giram no vazio.

¹¹ Citação de autoria de Suzana Scramin e Vinicius Nicastro Honesko, retirada da apresentação do livro – O que é contemporâneo? e outros ensaios (2009) de Giorgio Agamben.



O vazio e o desperdício da experiência nas dinâmicas comunicacionais

Buscando refletir nas dinâmicas comunicacionais encontradas nos blogs dos coletivos de dança, que inftlem a falta de investimento, dialoga-se com LIPOVETSKY (2005), que traz a metáfora do deserto para traduzir o vazio presente na sociedade contemporânea. Gilles Lipovetsky associa o corpo social a um organismo desativado – esvaziado de sua substância, que se vê capturado por uma indiferença revelada na curiosidade dispersa, captada por tudo e por nada.

Nossa sociedade não conhece procedência, codificações definitivas, centragem: conhece apenas estímulos e opções equivalentes em cadeia. Daí resulta a indiferença pós-moderna, a indiferença por excesso e não por falta, por hiper-solicitação e não por privação. O que ainda nos consegue espantar ou escandalizar? A apatia responde à pleora de informações, à sua velocidade de rotação; assim que registrado, um acontecimento é imediatamente esquecido. (2005: 22)

Lipovetsky (2005) propõe ainda pensar a indiferença não como um defeito de socialização, mas sim num outro tipo de funcionamento em sociedade, um modo mais “econômico”, entendido como uma descontração necessária ao funcionamento da máquina capitalista. Onde a indiferença se configura um dispositivo do sistema, onde se torna possível a aceleração das experimentações, de todas as experimentações e que resulta, nada mais nada menos, que um engajamento vazio.

Como se vê, a idéias propostas por Lipovetsky (2005) e Agamben (2009) apontam para a mesma direção, na medida em que trazem o imperativo do vazio como um modo de produção do sistema capitalista. Entretanto, com estes autores é possível pensar a noção de vazio além dos seus mecanismos de funcionamento - processos de dessubjetivação -, para refleti-lo a partir dos seus contextos de produção. O vazio passa a ser **estendido** pelos dispositivos hodiernos, ampliando a perspectiva do poder capitalista para além do ser vivente/corpo social. “Vazio” agora parece incluir a virtualidade coletiva, as dinâmicas comunicacionais das novas mídias e a produção posta nestes meios.

Com tudo isso, a metáfora do vazio antes de ser outra representação dos modos de vida da contemporaneidade, também se presta a responder a questão sobre visibilidade feita anteriormente. A formulação aqui proposta é a de que o excesso de



informação na web, presente também no contexto dos blogs, produz uma “falsa visibilidade”. Pois, ainda que estas pareçam visíveis, na verdade encontram-se opacas em decorrência da saturação do próprio meio, que a todo o momento é bombardeado de informação.

A proposta, então, é pensar o vazio como um sintoma que faz parte dessa situação paradoxal: bombardeamento de informações que resultam no esvaziamento dos processos de subjetivação. Onde não se encontra equivalência entre o fluxo de informações postadas no blog e o contexto de produção. A este respeito, Faleiros (2007), ao analisar as dinâmicas comunicacionais, diz:

Mas o que predomina no contexto atual é o excesso de comunicação e um excesso de si, excesso esse que esvazia os processos de subjetivação em relação a potência de criação. É justamente esse excesso de comunicação que faz com que o espaço de produção fique restrito. (2007:88)

Com Boaventura Souza Santos (2009) pode-se avançar na compreensão desse sintoma e tratá-lo sob a perspectiva do desperdício da experiência. Pois, este ao fazer a crítica contra a “razão indolente”¹² se propõe a denunciar o desperdício da experiência, cujo modo de ação se encontra presente no paradigma ocidental moderno e disseminado nas experiências cotidianas. Para Santos, a “experiência da razão indolente é uma experiência limitada” (2009:42), e, por conseqüência uma redução da própria experiência.

Nesse sentido, entende-se os dispositivos hodiernos como mecanismos de regulação social do mundo neoliberal. Cujas conseqüências, de acordo com Boaventura Souza Santos (2009), manifestam-se na construção social de agentes – corpos dóceis ou corpos estranhos que produzem um tipo de conhecimento regulação, que por si só constitui-se o desperdício da experiência. Pois,

os corpos dóceis têm experiências mas não expectativas ou, o que é o mesmo, as suas expectativas são o espelho fiel das suas experiências. Por outro lado, os corpos estranhos, são indiferentes tanto às experiências como às expectativas,

¹² “Razão indolente” se refere a um tipo de sofisma que os antigos chamavam de “razão preguiçosa”: “se o futuro é necessário e o que tiver de acontecer acontece independente do que fizermos, é preferível não fazer nada, não cuidar de nada e gozar apenas o prazer do momento” (SANTOS, 2009: 42). Sofisma criticado por Boaventura de Sousa Santos também pela via da razão displicente, cuja displicência produz um desperdício da experiência.



sendo capazes de viver umas e outras em separado sem qualquer tensão. Em qualquer dos casos, não há lugar para a tensão entre a experiência e as expectativas. (SANTOS, 2009:244)

Ora, pensando nesse modo de funcionamento, pode-se dizer que a destituição entre a experiência e as expectativas se assenta de modo muito próximo nas dinâmicas comunicacionais dos blogs. Onde nem sempre o conteúdo postado, corresponde às expectativas de produção do contexto. Mas, se apresenta, antes de tudo, pelo esvaziamento dos processos de subjetivação.

É justamente esse sintoma de esvaziamento que toma a regulação social mais fácil. Nela se produz o “corpo social mais dócil e frágil jamais constituído na história da humanidade (AGAMBEN, 2009:49), cujo poder regulatório configura-se justamente pela impossibilidade de enfatizar a “tensão” entre a experiência e as expectativas do ser vivente.

Proposições finais

O fato é que se vive um momento delicado, para não se dizer aflitivo, principalmente no que se refere ao modo como o “tecnofetichismo”¹³ impôs uma importância nos usos dos dispositivos tecnológicos, dos quais se torna difícil escapar. Pode-se dizer que a expansão do fenômeno blog e os discursos celebratórios a cerca dos seus usos como ferramenta de comunicação e interação social na web fazem parte do movimento desenhado pelas novas tecnologias. Contudo, é preciso dizer que o mesmo “tecnofetichismo” também guarda a possibilidade de apontar algumas fraturas dessa prática mediada, uma vez que escancara impasses e desaproveitamentos da experiência, abrindo brechas para o surgimento de outras formas de “associar-se” e “dissociar-se” da tecnologia.

Assim, pensa-se que a leitura política aqui iniciada, constitui um primeiro passo para “associar-se” às tecnologias de outro modo, a começar pelo desmonte dos fetiches utilitários. Ou seja, um “associar-se” que já implica um “dissociar-se” dos discursos celebratórios contaminados pelas benesses do progresso tecnológico.

¹³ O termo tecnofetichismo é empregado por Kerckove (2009) para identificar uma espécie de obsessão fetichista nos usuários que mantêm uma relação cotidiana com a tecnologia.



Pois, muito mais do que responder, o que pode um blog? Este artigo se propôs a dar visibilidade a essa proposta de alargamento do entendimento de dispositivo proposto por Giorgio Agamben. Acreditando que dar visibilidade ao blog como um dispositivo replicador de sintomas sociais contemporâneos, ajude os coletivos de dança repensar as relações entre o ser vivente e o dispositivo e, por consequência nos modos como emprega o blog.

Nessa direção, convida-se a uma “ação profanadora”¹⁴: a possibilidade de reuso das mídias digitais destituídas da esfera do sagrado. A começar por uma reflexão, que se traduza pela remobilização de outros modos de funcionamento do blog que privilegie a mediação como uma ação potencialmente transformadora e educativa.

É por isso, que Agamben (2009) refere-se à profanação como o contradispositivo mais importante, justamente por entender essa ação como uma premissa básica para o ato de intervir no mecanismo político contemporâneo – no incessante girar em vão da máquina.

Para tanto, faz-se necessário repensar nossa atuação política no mundo, buscando as formas coletivas de ação. Para atuar no coletivo, há que se desenvolver outras dimensões, para além dos interesses pessoais. Falas auto-referentes podem ser substituídas por exercícios de ser-estar-agir com o outro no mundo – o que se apresenta como um dos possíveis caminhos para habitar o deserto contemporâneo.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BRAGA, Adriana Andrade. **Teoria e método na análise de um blog: o caso Mothern**. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). **Blogs**. Com: Estudos sobre Blogs e Comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 22 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. **Corpo e Processos de Comunicação**. Revista Fronteiras- Estudos Midiáticos. VOL III Nº 2. Dezembro de 2001.

¹⁴ Ação profanadora se refere à concepção de profanação apresentada por Giorgio Agamben (2007, 2009), como a possibilidade de retirar as coisas da esfera do sagrado e restituí-las ao livre uso dos homens.



VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

LEMOS, André. **Prefácio**. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). Blogs. Com: Estudos sobre Blogs e Comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. São Paulo: Manole, 2005.

KATZ, Helena. Corpo e movimento II. In: GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Todo Corpo é Corpomídia**. Semiótica e Semiologia. Com Ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Nº 74. 10/03/2006

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

MACHADO, Adriana Bittencourt. **O papel das imagens nos processos de comunicação: ações do corpo, ações no corpo**. 2007. 117 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, Andrade Vinícius. **Reflexões sobre as materialidades dos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol III Nº 2 – maio/agosto 2006.

SANTANA, Ivani. **Corpo aberto: Cunningham, dança e novas tecnologias**. São Paulo: Educ, 2002.

_____. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.

_____. **A dança em sua dobra. Olhar para o mundo e dentro dele ver(-se)**. In: Húmus 2. Org. Sigrid Nora, Caixias do Sul: Lorigraf, 2007

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez Editora, 2009

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

